



CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Antropologia pela UNB. Em 1981, associou-se à Candango Promoções Artísticas através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que este ano comemora 20 anos criando campanhas publicitárias premiadas e consolidando marcas fortes.

cpereira@brasiliamdia.com.br

ADORO OS CORAJOSOS. MAS NÃO UM CORAJOSO QUALQUER, QUE SE METE EM AVENTURAS APENAS PARA SE EXIBIR. GOSTO DOS CORAJOSOS PENSANTES.



LUIS FELIPE PONDÉ LANÇOU O GUIA POLITICAMENTE INCORRETO DA FILOSOFIA. UMA OBRA IRÔNICA, DIVERTIDA E AVESSA AO CONCEITO HIPÓCRITA DE "POLITICAMENTE CORRETO".



O POLITICAMENTE CORRETO É O IRMÃO MAIS NOVO DO POPULISMO E O PRIMO RICO DOS MANUAIS DE AUTO-AJUDA.



RESPEITAR E ENTENDER AS DIFERENÇAS É LOUVÁVEL, MAS MANIPULAR IDEIAS E PENSAMENTO EM NOME DE GRUPOS É FASCISMO.



OBSERVAÇÃO Adoro os corajosos. Mas não um corajoso qualquer, que se mete em aventuras apenas para se exhibir. Gosto dos corajosos pensantes. Os que enxergam uma luz além das palavras de ordem, fora das ideologias, longe do *status quo*. São eles que movem o mundo e nos tiram da entediante repetição cotidiana. Eles podem se chamar Paulo Francis, Nelson Rodrigues, Diogo Mainardi, Caetano Veloso, Machado de Assis, Tolstói ou Luiz Felipe Pondé. Homens que sabem dosar o conhecimento e a capacidade de observação. Figuras fundamentais para enfrentar o marasmo social e político. Não têm medo de botar o dedo na ferida e sabem botar a boca no trombone.

GUIA POLITICAMENTE INCORRETO Luis Felipe Pondé - doutor em filosofia e colunista da Folha de S. Paulo, que muitos acusam de elitista e arrogante - acaba de lançar mais um livro, o Guia Politicamente Incorreto da Filosofia. Uma obra irônica, divertida e avessa ao conceito hipócrita de "politicamente correto". Esta "praga", como ele diz, que anda banindo palavras clássicas da língua nacional, por serem consideradas ofensivas e preconceituosas. Crioulo, aleijado, burro, pobre, gordo entre dezenas de vernáculos, caíram em desgraça no mundo politicamente correto. Um universo onde as coisas não podem ser como são. Segundo as regras do entediante mundo da correção política as coisas devem ser o que eles, seus porta-vozes, pretendem que sejam.

DISSIMULAÇÃO O politicamente correto é o irmão mais novo do populismo e o primo rico dos manuais de auto-ajuda. Todos são de fato, mecanismos para enganar, ludibriar, fingir e dissimular as reais intenções de seus porta-vozes. Homens e mulheres que manipulam fragilidade e a ignorância alheia em benefício próprio. Uma dialética perversa ancorada na dissimulação.

INFORMAÇÃO FALSA Em seu livro Luiz, Felipe Pondé diz que: "(...) o politicamente correto é uma mistura de covardia, informação falsa e preocupação com a imagem". Pondé diz ainda que "(...) um dos grandes pecados do conceito de politicamente correto é querer transformar a sensibilidade humana em política pública". Ele nos lembra que a guerra é uma representação da vida, como nos ensinou Tolstói em Guerra e Paz e arremata: "(...) você não precisa estar num campo de batalha, onde brotam corajosos e covardes a olho nu, para saber que no cotidiano os covardes mentem mais, fogem das responsabilidades, traem seus amigos e colegas, usurpam glórias que não são suas".

ESQUERDA AMERICANA Luiz Felipe Pondé lembra que o conceito de "politicamente correto", é um ramo do pensamento de esquerda americano que nasceu com ascensão social dos negros dos EUA no final dos anos 60 e dos gays a partir dos anos 80 e reflete um certo mal-estar com relação aos maus tratos dados aos gays e negros na vida social anterior. Uma espécie de retração que, apesar de justa, ao meu ver, se transformou numa engessada e maniqueísta visão de mundo, no estilo Rousseau: o mais fraco politicamente é por definição melhor moralmente.

INCLUSÃO O mais fraco não é necessariamente melhor. A vida prova todos os dias que a condição humana é dura. Em seu livro Pondé lembra que "(...) a diferença entre a velha esquerda e a nova é que, para a velha, a classe que salvaria o mundo seria o proletariado, enquanto, para a nova esquerda, a salvação vem de todo tipo de grupos de excluídos: mulheres, negros, gays, aborígenes, índios, marçianos". Ele chama atenção ainda para o fato desta nova esquerda ter um caráter revisionista, isto é: "(...) nada de revolução violenta, nada de destruição do capitalismo, mas sim a acomodação do status quo econômico às demandas de inclusão dos grupos de excluídos."

VIÉS AUTORITÁRIO A vantagem desse debate é não comprar gato por lebre. Não dá para moldar comportamentos, hábitos, gestos e linguagem e criar políticas públicas de cotas que, por si só já excluem e demonizam outros grupos. No fundo o pensamento politicamente correto resvala num mal estar moral e tem um viés autoritário. As práticas politicamente corretas usam de expedientes de coerção institucional e de assédio moral que inviabilizam a livre circulação de ideias. Respeitar e entender as diferenças é louvável, mas manipular ideias e pensamento em nome de grupos, isto é fascismo.